

# Pensar naquilo que não se vê

Economia - Brasil

J.O. DE MEIRA PENNA

JORNAL DA TARDE

A inteligência do animal visa, instintivamente, satisfazer-lhe o interesse egoísta imediato, protegendo sua propriedade, que significa trabalho acumulado e concretizado, e a reprodução do patrimônio genético. A inteligência é o recurso do indivíduo na luta darwiniana pela vida. Mas possuindo a razão como instrumento inato, pode o homem utilizá-la de dois modos contraditórios: 1) para fins imediatistas e oportunistas, o que chamaríamos *razão curta*; 2) para objetivos a longo prazo — *razão longa*. O uso de uma ou outra forma de razão depende do grau de inteligência e disciplina mental — ou, em outras palavras, da capacidade de memória, antecipação ou previsão, com relacionamento de causa e efeito. A criança, emergindo da animalidade, ainda não possui o poder de coibir o desejo, a satisfação do prazer ou o receio de dor ou desprazer, pela consideração do maior lucro ou proveito futuro. Ela réceia, por exemplo, uma injeção porque ainda não percebe que, à custa de uma dorzinha momentânea, obterá, benefício futuro para a saúde. É o adulto que revela uma *razão prática* ao calcular o benefício, a longo prazo, da poupança, do pequeno sacrifício ou incômodo imediatos. Kant poderia ter feito uma *Critica da Razão Curta*, para definir essa *dimensão temporal* da atividade racional: Na convivência social, os interesses individuais assim se conciliam a longo prazo. Cabe uma Crítica da Razão Curta em populações como a brasileira que, muito sensíveis aos interesses restritos

e imediatos da família, amizade, clientela ou corporação de ofício, demonstram dificuldade em criar uma ética cívica sustentada no interesse coletivo a longo prazo, ou seja, no Bem Comum.

O próprio termo economia, no sentido de poupança ou “administração doméstica” (*oikos + nomos*), indica que toda atividade econômica proveitosa resulta de um *cálculo inteligente do proveito futuro*, com a coibição do desejo instintivo de posse, consumo ou prazer imediato. A análise da atividade racional faz parte integrante da ciência econômica, constatação que

severa Bastiat, “um ato, um hábito, uma instituição, uma lei não geram somente um efeito, mas uma série de efeitos. Dentro desses, só o primeiro é imediato. Manifesta-se simultaneamente com sua causa. É visível. Os outros só aparecem depois e não são visíveis. Podemo-nos dar por felizes se conseguirmos prevê-los. Entre um bom e um mau economista existe uma diferença: um se detém no efeito que se vê; o outro leva em conta tanto o efeito que se vê quanto aqueles que devem ser previstos”. Bastiat explica que a diferença é enorme pois quase sem-

TANTO EM TERMOS ECONÔMICOS COMO PURAMENTE ÉTICOS, É PRECISO QUE SE PENSE SEMPRE NAS CONSEQUÊNCIAS A LONGO PRAZO DE NOSSAS AÇÕES

26 FEVEREIRO 1996

foi prejudicada pelo preconceito socialista de ser o capitalismo “irracional”. Ao contrário da tese marxista, o sistema de mercado, como provaram Mises e Hayek, é o único que pressupõe a racionalidade do comportamento humano a longo prazo, de modo a permitir que os “vínculos privados” de Mandeville se transformem em “virtudes públicas”. Adam Smith foi o primeiro a perceber-l-o.

Em princípios do século passado, porém, o economista francês Frédéric Bastiat (1801—1850) escreveu uma série de pequenos ensaios que se distinguem pela lucidez e fino espírito de crítica humorística. Um desses ensaios têm como título: “*O que se vê e o que não se vê*.” “Na esfera econômica”, as-

pre ocorre que quando são favoráveis as consequências imediatas, as posteriores são funestas, e vice-versa. O ensaio inteiro é preenchido com exemplos de decisões econômicas que, à primeira vista, parecem proveitosas e resolvem problemas a curto prazo, acarretando no entanto, a longo prazo, consequências desagradáveis. É possível que, ao se referir aos efeitos que não se veêm, estivesse Bastiat pensando na *Mão Invisível* de Smith que regula o mercado e lhe proporciona uma ordem espontânea.

Na história econômica do Brasil tivemos inúmeros exemplos de políticas de curto prazo — oriundas de uma razão curta que mira apenas aquilo que se vê — com resultados nefastos

posteriores, de difícil solução. É verdade que John Maynard Keynes se tornou conhecido por uma de suas piadas: “on the long run we are all dead” — “a longo prazo estamos todos mortos”. Queria dizer que a gente se deve dedicar à solução dos problemas imediatos, abandonando aqueles que, só produzindo efeitos posteriores à nossa própria morte, não interessam. Keynes alcançou notoriedade como o economista que teria “salvo o capitalismo” por sugerir o recurso à emissão de moeda em orçamentos deficitários, para combater recessões e depressões que criam desemprego e são socialmente perigosas. Com isso, estimulou uma mentalidade que teve como consequência o crescimento monstruoso do Estado e o fenômeno de estagflação, atrasando gravemente o desenvolvimento das economias do Terceiro Mundo. Esta é responsável pela nossa “década perdida” e pelo destempero econômico e estatal que ainda tão gravemente nos afeta. Pois a boa conduta dá vida, em termos econômicos como em termos puramente éticos, exige que se pense sempre nas consequências a longo prazo de nossas ações. Ou, como diria Bastiat, que se considere “aquilo que não se vê” como peça fundamental de todo problema.

O AUTOR:

J.O. de Meira Penna  
é embaixador, escritor  
e presidente do  
Instituto Liberal  
de Brasília

